



22 de Setembro de 2023

Cabo Ligado Mensal: Agosto de 2023

[Cabo Ligado](#) é um observatório de conflitos em Moçambique lançado pela ACLED, Zitamar News e MediaFax.

ESTATÍSTICAS VITAIS

- ACLED registou seis eventos de violência política em Cabo Delgado em Agosto, resultando em pelo menos 22 fatalidades
- Um evento, uma batalha entre insurgentes e forças moçambicanas, foi responsável por 12 dessas mortes
- Os eventos de violência política concentraram-se no distrito de Macomia, onde ACLED registou quatro eventos, e nas áreas vizinhas dos distritos de Mocímboa da Praia e Muidumbe

TENDÊNCIAS VITAIS

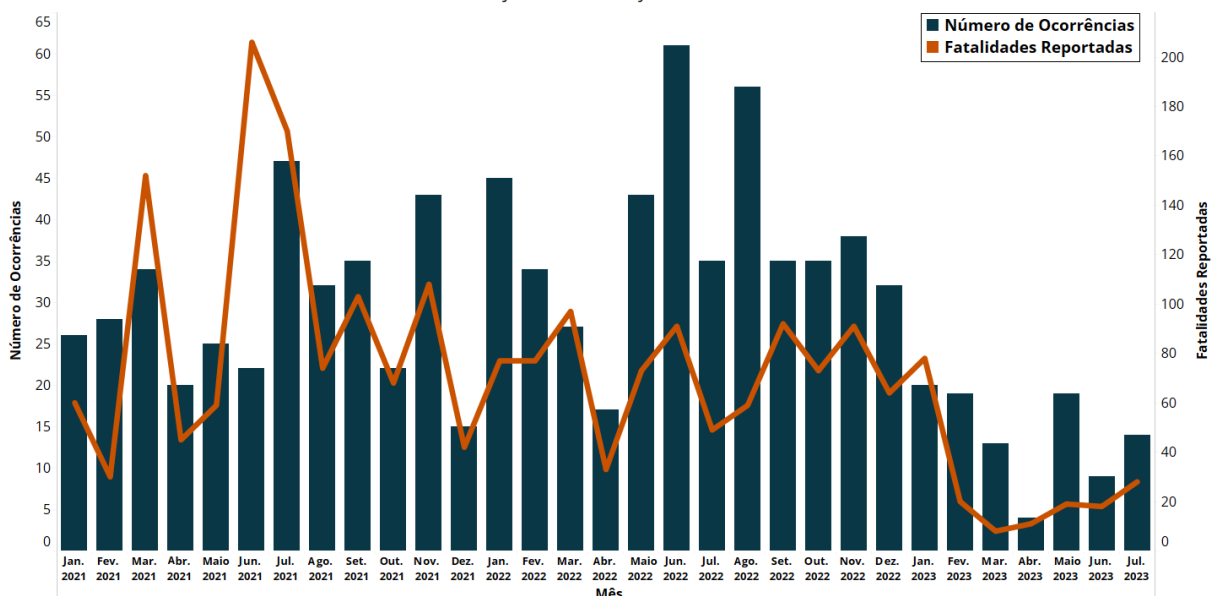
- Bonomade Machude Omar, líder da insurgência, é morto
- Continua a registar-se uma baixa taxa de incidentes violentos
- Evidência de combatentes deslocando-se para o oeste

NESTE RELATÓRIO

- Atualização de Nangade: violência, retorno e recursos naturais
- Retorno em alta, mas as comunidades permanecem vulneráveis
- Ibn Omar está morto. O que vem a seguir?

Violência Política e Fatalidades Reportadas em Cabo Delgado

1 Janeiro 2021 - 31 Julho 2023



RESUMO DA SITUAÇÃO DE AGOSTO

O Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), Joaquim Mangrassé, [anunciou](#) no dia 25 de Agosto a morte do líder insurgente Bonomade Machude Omar, também conhecido como Ibn Omar. Acredita-se que tenha sido [morto numa emboscada](#) que liderou contra uma coluna de veículos das FADM, no dia 22 de Agosto, perto de Quiterajo, no distrito de Macomia.

A sua morte é um acontecimento significativo, eliminando o mais hábil operador militar da insurgência. O seu assassinato ocorreu duas semanas depois de uma base das FADM na floresta de Catupa, também no distrito de Macomia, [ter sido invadida](#) no dia 8 de Agosto. Num comunicado, o Estado Islâmico (EI) reivindicou a morte de sete soldados moçambicanos, e a apreensão de armamento nesse incidente.

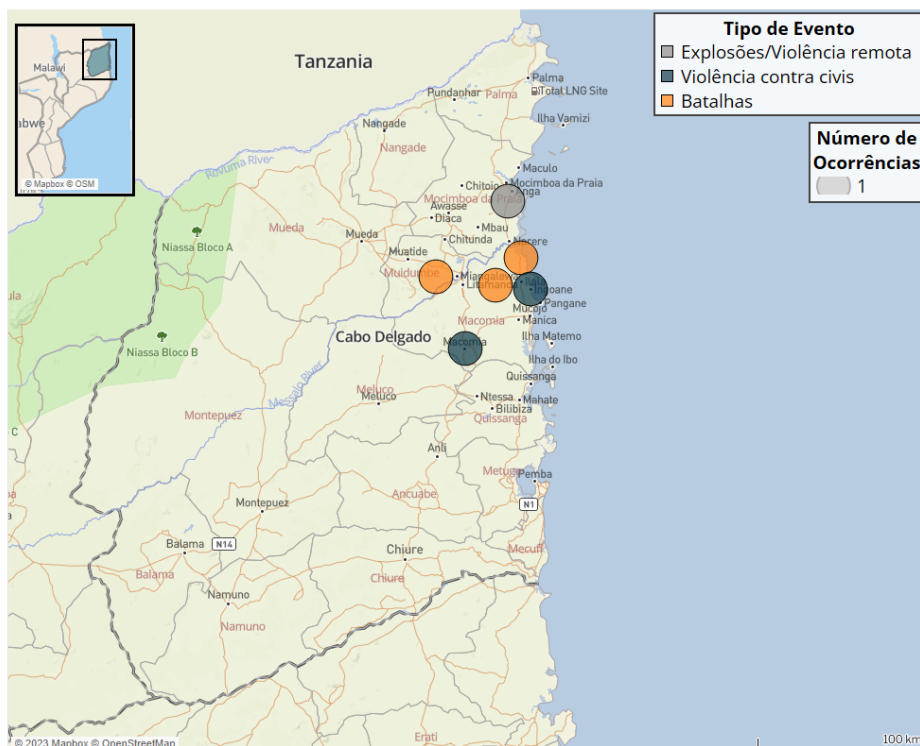
A emboscada de 22 de Agosto foi uma aposta que não valeu a pena para Omar. Na coluna, estava um homólogo, o chefe do exército, major-general Tiago Nampelo. Os insurgentes provavelmente sabiam que ele se encontrava num dos veículos.

Ainda não está claro como isto afetou a liderança da insurgência. O grupo não depende de um único líder e, desde a intervenção em Julho de 2021, tem, na sua maior parte, operado de forma descentralizada nos distritos do norte da província.

Nos últimos meses, o grupo concentrou-se no distrito de Macomia, na floresta de Catupa, e ao longo de uma extensão de cerca de 40 quilómetros de costa entre as aldeias de Quiterajo e Pangane. Contudo, em Agosto, alguns membros deslocaram-se para oeste, ao longo do rio Messalo, em direcção ao distrito de Mueda, no noroeste da província. No dia 20 de Agosto, a aldeia de Homba, em Mueda, foi abandonada após receber relatos de que insurgentes estavam nas proximidades, segundo a [Lusa](#).

Violência Política em Cabo Delgado

Agosto 2023



ATUALIZAÇÃO NANGADE: VIOLÊNCIA, RETORNO E RECURSOS NATURAIS

Por Peter Bofin, Cabo Ligado

ACLED regista apenas sete eventos de violência política no distrito de Nangade este ano. Destes, quatro envolveram insurgentes islâmicos, sendo o mais recente em Maio. Esta estabilidade relativa é uma oportunidade para considerar o que significa “normalização” no contexto actual, em termos de violência e prestação de segurança, e de desenvolvimento empresarial e económico. Para muitos, a violência não está ausente das suas vidas. Economicamente, os baixos níveis de violência política podem representar uma oportunidade para obter receitas significativas, mas também podem realçar divisões no distrito.

Apesar dos baixos níveis de violência política, as pessoas em Nangade ainda não regressaram em número significativo às suas aldeias de origem. De acordo com o [inquérito mais recente da Organização Internacional para as Migrações \(OIM\)](#), realizado em Agosto de 2023, havia 71.307 pessoas deslocadas internamente (PDI) no distrito. Esta é uma redução significativa em relação ao máximo de Junho de 2022 de mais de 116.000, mas não representa nenhuma mudança significativa em relação a Fevereiro de 2023, quando foram registrados 70.286.

Pouco mais de 10.000 regressados foram registados em Agosto, todos dentro de Nangade. A grande maioria dos deslocados internos em Nangade são de Nangade. A relutância em regressar decorre do medo de ataques do EI Moçambique. Isto não é infundado. A abordagem dos insurgentes às comunidades em Macomia – comércio e alguma pregação, mas sempre apoiada por uma ameaça – não foi vista em Nangade. Em três dos quatro eventos registados envolvendo insurgentes em Nangade, estes tinham como alvo civis.

No entanto, os deslocados internos estão a tentar estabelecer-se nos seus locais de origem. Uma [avaliação humanitária](#) realizada em Agosto observa que, desde Junho, os deslocados internos têm regressado aos seus locais de origem para limpar terras, manter casas e colher colheitas. A suposição de uma presença insurgente desencoraja novos retornos.

O baixo nível de retorno permanente no distrito indica que as pessoas sentem uma ameaça muito real. Isto é partilhado pelas forças de intervenção dentro do distrito, que incluem as tropas da Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) em Moçambique (SAMIM) e o destacamento bilateral da Força de Defesa Popular da Tanzânia (TPDF). Para o TPDF, esta preocupação também é expressa no lado tanzaniano da fronteira, onde ainda é mantida uma forte presença militar. O TPDF realiza exercícios de tiro no lado tanzaniano para sinalizar uma presença agressiva. Isto cria ansiedade nas comunidades rurais de ambos os lados da fronteira, que nunca têm a certeza se isso indica um confronto ou exercícios reais. A experiência mais recente de tais exercícios ocorreu em Matchedje, na província do Niassa, onde os aldeões fugiram das suas casas no final de Agosto depois de ouvirem tiros no lado tanzaniano da ponte Mkenda que liga a província, segundo uma fonte local.

A ausência de violência política não significa, evidentemente, uma ausência de violência na vida das pessoas. A avaliação humanitária do mês passado também destacou a violência enfrentada pelas mulheres, quer por parte dos seus parceiros em casa, quer por parte dos homens da comunidade de acolhimento, encontradas fora de casa.

As pessoas que vêm dos centros de deslocados internos para colher mandioca representam a comunidade maioritariamente camponesa do distrito. Os recursos naturais mais valiosos são o caju e a madeira, que não são controlados pelos mais pobres da comunidade. Ambos estão a atrair um interesse renovado e,

para ambos, a Tanzânia representa um mercado significativo. Em 2019, segundo o [governo provincial de Cabo Delgado](#), mais de metade da colheita de caju do distrito foi exportada ilegalmente para a Tanzânia. Com a colheita prevista para o próximo mês, a Tanzânia poderá apresentar o mercado mais próximo.

O interesse pela exploração comercial de madeira já retomou. Segundo uma fonte local, uma empresa já regressou ao distrito. Na última semana de Agosto, a empresa foi, segundo uma fonte local, impedida pelas Forças Locais de regressar à zona de Nkonga, onde tinha operações antes do conflito. A razão apresentada foi a preocupação com uma possível presença insurgente: Nkonga foi durante muito tempo um reduto insurgente.

Pesquisas [anteriores ao conflito](#) mostram que a madeira também tem um mercado bem desenvolvido do outro lado do rio e sistemas bem desenvolvidos para evitar controlos nas fronteiras e questões de origem. As investigações do jornal parceiro, MediaFax, Savana, em 2020, também [revelaram as ligações políticas](#) nas exportações ilegais de madeira de Cabo Delgado, desta vez para a China.

Pode ser significativo que tenham sido as Forças Locais que intervieram para impedir o regresso da exploração madeireira comercial a Nkonga. O comércio é valioso e os actores de conflito mais poderosos na província controlam agora o acesso ao recurso e, tal como acontece com o caju, a sua movimentação para fora do distrito.

RETORNO EM ALTA, MAS AS COMUNIDADES PERMANECEM VULNERÁVEIS

Por Tomás Queface, Cabo Ligado

O governo moçambicano [celebrou](#) o regresso massivo dos deslocados às suas áreas de origem em Cabo Delgado, destacando os esforços das Forças de Defesa e Segurança (FDS) na restauração da segurança no norte de Moçambique. Estes movimentos populacionais foram confirmados pela OIM, que [registou](#) mais de 540 mil regressos na província de Cabo Delgado até Agosto de 2023. [Segundo](#) o Instituto Nacional de Redução e Gestão do Risco de Desastres de Moçambique, pelo menos 409 mil pessoas já regressaram às suas casas. O retorno também é notório nas províncias de Niassa e Nampula. Contudo, o argumento do governo de melhoria da segurança não é suficiente para explicar o retorno significativo da população. Este argumento ignora algumas questões fundamentais sobre a situação das populações afectadas por conflitos.

A premissa do governo de que a segurança foi restaurada em Cabo Delgado tem alguma validade. Os incidentes de violência contra civis em Cabo Delgado diminuíram significativamente desde o último trimestre de 2022, representando apenas 38% dos eventos de violência política na província em 2023. Nos primeiros anos do conflito, a taxa chegou a 80%. Nos últimos meses, os confrontos concentraram-se nas florestas de Macomia e as incursões insurgentes limitaram-se principalmente às zonas costeiras de Macomia e ao sul de Mocímboa da Praia. Foram observados alguns movimentos insurgentes em Nangade, Meluco e Mueda, que podem estar ligados às operações em curso das FDS contra bases insurgentes em Macomia. Estes desenvolvimentos recentes, marcados por uma redução acentuada dos incidentes violentos, contribuíram em parte para o regresso da população.

Contudo, a história do regresso não pode ser contada sem uma análise da situação que os deslocados internos enfrentam nos centros de acolhimento nas províncias de Cabo Delgado, Niassa e Nampula. O primeiro e mais sério desafio é a terrível situação alimentar dos deslocados internos. Desde Abril, o Programa Alimentar Mundial (PMA) tem [prestado](#) assistência alimentar às pessoas deslocadas com rações

reduzidas, mas entre Julho e Agosto, por exemplo, o PMA só conseguiu chegar a cerca de 418 mil pessoas, deixando o resto à própria sorte. Segundo fontes da Cabo Ligado, os deslocados das aldeias de Nangumi e Metoro, em Ancuabe, que dependem de ajuda humanitária, afirmam não ter recebido nenhuma assistência desde a última distribuição, em Maio e Junho.

Para além da fome, existem outros problemas socioambientais e psicológicos. Um estudo [publicado](#) em Agosto de 2023 pela organização não governamental Oasis Moçambique baseado em pesquisas nos distritos de Pemba e Metuge concluiu que os deslocados enfrentavam graves problemas de saneamento (como falta de latrinas), além da falta de meios de subsistência, e violência psicológica nos locais de acolhimento. Como resultado, milhares de pessoas deslocadas foram forçadas a abandonar os seus locais de refúgio em busca de meios de subsistência nas suas áreas de origem.

Mas também existem problemas graves nas áreas de origem. [De acordo](#) com um relatório inter-agências, as áreas de regresso carecem de quase tudo, desde água e saneamento até abrigo e assistência de emergência. O processo de reconstrução limita-se à reabilitação de algumas infraestruturas governamentais, como o Instituto de Segurança Nacional e os tribunais. A maior parte das principais infraestruturas não está a funcionar. É o caso das infra-estruturas de saúde, onde, [segundo](#) as próprias autoridades nacionais, a maioria das unidades de saúde dos distritos de Macomia, Muidumbe, Quissanga, Palma e Mocímboa da Praia ainda se encontram encerradas devido ao nível de destruição. Os pacientes estão sendo tratados em locais improvisados.

O apoio aos retornados também é escasso, tanto nas áreas de regresso como nos centros de acolhimento. Em Palma e Mocímboa da Praia, o PMA [retomou](#) a distribuição de ajuda humanitária, mas não o suficiente. Sem apoio para reconstruir os seus meios de subsistência, as cerca de 400 mil pessoas que já regressaram ficam extremamente vulneráveis. O mesmo se aplica às mais de 800 mil pessoas ainda deslocadas nas três províncias do norte de Moçambique.

As perspectivas para os deslocados, tanto nas áreas de acolhimento como nas suas áreas de origem, não são boas. A situação de segurança pode ter melhorado, mas a redução da ajuda humanitária e o ritmo lento da reconstrução estão a impedi-los de reconstruir plenamente as suas vidas e garantir os seus meios de subsistência. A narrativa do regresso ajuda o governo a reforçar a ideia de que está a vencer no campo de batalha, mas a falta de planeamento para receber os deslocados nas suas áreas de origem pode aumentar a exposição à violência, à exploração e a problemas de saúde.

IBN OMAR ESTÁ MORTO. O QUE VEM A SEGUIR?

Por Fernando Lima, Cabo Ligado

Demorou três semanas, mas como esperado, a insurgência em Cabo Delgado reagiu brutalmente à morte de Ibn Omar, o comandante militar do EI Moçambique. No final da tarde de quinta-feira, 14 de Setembro, um grupo de insurgentes apareceu na aldeia de Naquitengue, não muito longe do rio Messalo, e cercou vários aldeões que mais tarde foram agrupados por motivos religiosos: cristãos e muçulmanos, uma divisão que mais muitas vezes, em Cabo Delgado, segue as fronteiras étnicas.

Segundo uma publicação do EI, 11 cristãos foram mortos e as suas casas destruídas. Relatos não confirmados mencionam que algumas das vítimas foram decapitadas. Como [comentou](#) o Chefe do Estado-Maior General das FADM, Mangrassa, a 25 de Agosto, a morte de Ibn Omar não é o fim da insurgência em Cabo Delgado. Mais tarde, o ministro da Defesa, Cristóvão Chume, [disse](#) não ter ficado surpreendido com o ataque, esperando este tipo de reação.

No entanto, há grandes esperanças em Moçambique de que a eliminação de Ibn Omar marque um ponto de viragem no conflito.

No entanto, do ponto de vista operacional, a forma descentralizada como os insurgentes operam significa que a ausência de Ibn Omar não impedirá que os outros líderes da guerrilha assumam o controlo e comandem ataques em áreas específicas.

Um documento interno recente da SAMIM identificou uma série de comandantes para diferentes regiões de Cabo Delgado. No ano passado, durante a ofensiva no sul de Cabo Delgado, moradores e especialistas em segurança [identificaram](#) um indivíduo conhecido como 'Farido', também de Mocímboa da Praia, como o comandante encarregado daquela ofensiva, durante um período em que Ibn Omar estava no estrangeiro a receber treino e ensino islâmico.

O governo também [anunciou](#) o assassinato dos principais membros da insurgência, Abu Kital e Ali Mahando, em Agosto, em operações em torno da base florestal de Catupa, em Macomia. Mas também surgiu um novo nome como comandante líder, que atende pelo nome de 'Quadrado'. Tanto Farido como Quadrado foram mencionados como comandantes de base por investigadores que falaram com Cabo Ligado, tendo entrevistado pessoas que foram obrigadas a viver naqueles esconderijos.

As mortes de Omar, Kital e Mahando ocorreram todas durante uma ofensiva conhecida como 'Golpe Duro', ou 'Hard Punch', envolvendo tropas moçambicanas e da SAMIM, principalmente sul-africanas. A ofensiva centrou-se na zona costeira de Macomia, entre Mucojo e Quiterajo, um dos principais centros ideológicos da insurgência depois de Mocímboa da Praia.

O codinome Hard Punch poderá ter sido escolhido em resposta às [críticas constantes](#) de um relatório da SADC de Junho, ao qual teve acesso o Cabo Ligado, no qual a delegação moçambicana mencionou a falta de acções ofensivas contra a insurgência, por oposição a operações de manutenção da paz. Em termos práticos, isto significou que todo o trabalho ofensivo permaneceu nas mãos das Forças de Defesa do Ruanda e na crescente capacidade operacional demonstrada pelas forças especiais moçambicanas.

A forma cautelosa como Mangrassé [anunciou](#) a morte de Omar é notável – apontando para uma investigação em curso para determinar um veredicto definitivo. Mas alguns dias depois, o Presidente Filipe Nyusi, abordando claramente as dúvidas em torno da morte do comandante da insurgência, [disse](#) numa audiência pública: Ibn Omar nunca mais seria visto vivo.

Em relatos provenientes de Pangane, aldeia da zona costeira de Macomia, os insurgentes, nos seus contactos regulares com a população local, também reconhecem a morte de Ibn Omar. Um grande número de insurgentes continua a aparecer na aldeia para ir buscar mantimentos e pagar preços generosos, bem acima do habitual. Eles também continuam a insistir na necessidade de orações religiosas regulares e na abstinência total de bebidas alcoólicas.

Semanas de operações militares ao longo da costa de Macomia forçaram a insurgência a deslocar-se para oeste, ao longo do rio Messalo e através da estrada N380. O movimento sugere que o distrito de Muidumbe poderá ser o próximo alvo potencial, juntamente com a zona de Mbau, ainda parte do distrito de Mocímboa da Praia, onde ocorreu o ataque de Naquitengue. Há aí um simbolismo, uma vez que estas foram áreas ocupadas durante muito tempo, até à operação de limpeza das forças ruandesas em 2021.

Contudo, como sublinhado pelo Presidente Nyusi e Mangrassé, a insurgência está a perder capacidade operacional. O fim do Ramadão e a época das chuvas não mostraram qualquer renovação da capacidade de combate, apesar do grande número de novos recrutas identificados em esconderijos nas imediações

da floresta de Catupa, e nas frequentes aparições nos locais de pesca ao longo da costa de Macomia. A morte de Ibn Omar é um verdadeiro golpe para a insurgência. Mas é improvável que seja fatal.



ZITAMAR
NEWS



ACLED
Bringing clarity to crisis

mediaFAX